

Prevenção de infecções sexualmente transmissíveis por jovens universitários: reflexões à luz da teoria do conhecimento de *Johannes Henssen*

Sexually transmitted diseases prevention by university students: reflections in the light of Henssen's theory of knowledge

Prevención de enfermedades de transmisión sexual por estudiantes universitarios: reflexiones a la luz de la teoría del conocimiento de Henssen

Recebido: 06/02/2021 | Revisado: 11/02/2021 | Aceito: 14/02/2021 | Publicado: 21/02/2021

Laércio Deleon de Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8470-7040>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: laerciodl28@hotmail.com

Thelma Spindola

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1785-5828>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: tspindola.uerj@gmail.com

Juliana de Lima Brandão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1463-2829>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: julianabrandao20@yahoo.com.br

Felipe Eduardo Taroco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8530-5780>
Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora, Brasil.
E-mail: fisiofelipe91@gmail.com

Maria Tereza Aguiar Castilho Neta Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6582-7330>
Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
E-mail: mtmeta@hotmail.com

Resumo

Objetivou-se refletir sobre o conhecimento de jovens universitários a respeito da prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), à luz da teoria do conhecimento de *Johannes Henssen*. Trata-se de um estudo de reflexão em que se realizou busca de artigos por acesso *on-line*, nos meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021, nas bases de dados indexadas (inter)nacionalmente, bem como de obras de *Henssen* sobre a Teoria Geral do Conhecimento. Os resultados foram discutidos em dois blocos temáticos: 1) O conhecimento como fator para mudança de comportamento; 2) Conhecimentos de jovens universitários sobre a prevenção de ISTs. Conclui-se, a partir das reflexões apresentadas, que o processo de obtenção do conhecimento visa instrumentalizar as pessoas, como, por exemplo, jovens universitários, com recursos cognitivos que as habilitem ao uso metódico e competente da razão e do discernimento sobre as ISTs, comportamentos de risco à saúde e medidas preventivas mediante a adoção de práticas sexuais seguras. Identificou-se que, embora o conhecimento seja de suma importância nesse contexto, não figura como único e principal orientador das práticas e comportamentos dos jovens, o que enseja a realização de estudos que avaliem os fatores associados às condutas adotadas pelo grupo.

Palavras-chave: Adulto jovem; Conhecimento; Prevenção de doenças; Doenças sexualmente transmissíveis; Filosofia.

Abstract

The objective was to reflect on the knowledge of young university students regarding the prevention of STIs, in the light of Johannes Henssen's theory of knowledge. It is a reflection article in which articles were searched for access online, in the months of December 2020 and January 2021, in the (inter) nationally indexed databases, as well as Henssen's works on General Theory of Knowledge. The results were discussed in two thematic blocks: 1) Knowledge as a factor for behavior change; 2) Knowledge of young university students on STI prevention. It is concluded, from the reflections presented, that the process of obtaining knowledge aims to equip people, like young university students, with cognitive resources that enable them to use methodical and competent reason and discernment about STIs, behaviors of health risk and preventive measures through the adoption of safe sexual practices. It was identified that, although knowledge is of paramount importance in this context, it does not figure as the sole and main guide for

young people's practices and behaviors, which suggests the need for studies that evaluate the factors associated with the behaviors adopted by the group.

Keywords: Young adult; Knowledge; Disease prevention; Sexually transmitted diseases; Philosophy.

Resumen

El objetivo fue reflexionar sobre los conocimientos de los jóvenes universitarios sobre la prevención de las ITS, a la luz de la teoría del conocimiento de Johannes Henssen. Se trata de un artículo de reflexión en el que se buscaron artículos para su acceso online, en los meses de diciembre de 2020 y enero de 2021, en las bases de datos indexadas (inter) nacionalmente, así como trabajos de Henssen sobre Teoría General del Conocimiento. Los resultados se discutieron en dos bloques temáticos: 1) El conocimiento como factor de cambio de comportamiento; 2) Conocimiento de jóvenes universitarios sobre prevención de ITS. Se concluye, a partir de las reflexiones presentadas, que el proceso de obtención de conocimientos tiene como objetivo dotar a las personas, como jóvenes universitarios, de recursos cognitivos que les permitan utilizar la razón y el discernimiento metódico y competente sobre las ITS, conductas de riesgo para la salud y medidas preventivas a través de la adopción de prácticas sexuales seguras. Se identificó que, si bien el conocimiento es de suma importancia en este contexto, no figura como la única y principal guía de las prácticas y conductas de los jóvenes, lo que sugiere la necesidad de estudios que evalúen los factores asociados a las conductas adoptadas por el grupo.

Palabras clave: Adulto joven; Conocimiento; Prevención de enfermedades; Enfermedades de transmisión sexual; Filosofía.

1. Introdução

Acredita-se que, por ano, 500 milhões de pessoas são contaminadas por alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) curável, sendo consideráveis ainda os altos índices de contaminação por ISTs incuráveis, exercendo, assim, essas infecções múltiplos impactos desfavoráveis na vida dessas pessoas. As altas taxas de contaminação, transmissão e a morbimortalidade relacionadas às ISTs, por conseguinte, ocasionam cada vez mais preocupações e gastos ao setor saúde no mundo (WHO, 2015; Newman *et al.*, 2015; Brasil, 2018).

As ISTs são transmitidas pelo contato sexual com parceiro infectado durante práticas sexuais (oral, vaginal ou anal) sem o uso de preservativos; por via sanguínea (hemotransfusão, acidentes biológicos e/ou por compartilhamento de seringas); vertical (de mãe para filho via transplacentária, no parto por contato direto com o sangue materno ou pela amamentação em mães infectadas) (WHO, 2016; Brasil, 2020; Spindola *et al.*, 2020).

A ocorrência das ISTs está associada a mais de 30 agentes etiológicos, entre vírus, fungos, bactérias e protozoários. Entre eles, oito são responsáveis pelas principais demandas ao setor de saúde, como: 1) Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV); hepatite B; herpes e Papiloma Vírus Humano (HPV), que ocasionam infecções incuráveis, porém controladas/tratáveis mediante terapêutica clínica e farmacológica e 2) Infecções curáveis: sífilis, clamídia, tricomoníase e gonorreia. De um modo geral, essas infecções são percebidas mediante a ocorrência de úlceras genitais, corrimentos vaginais e/ou doença inflamatória pélvica (WHO, 2013, 2016; Brasil, 2018).

As ISTs ocasionam diversos transtornos à saúde sexual e reprodutiva das pessoas e comprometem a qualidade de vida, em todas as fases do ciclo vital (WHO, 2016). Elas estão entre as condições agudas mais comuns que acometem pessoas mundialmente, com destaque para a população jovem (Newman *et al.*, 2015; Spindola *et al.*, 2020). A presença de ISTs favorece de modo (in)direto a ocorrência de contaminação e transmissão sexual do HIV e pode, ainda, causar alterações celulares que precedem alguns tipos de cânceres (WHO, 2013, 2015).

O grupo jovem corresponde à parcela da população mais vulnerável a agravos relacionados às ISTs, em decorrência da assunção de Comportamentos de Risco à Saúde (CRSs). O comportamento sexual dos jovens sofre influência do ambiente social e do grupo de pertença (Spindola *et al.*, 2020). A vulnerabilidade individual, associada ao consumo de bebidas alcoólicas e/ou drogas, além do uso descontinuado ou desuso de preservativos, potencializa o risco de adquirir ISTs (WHO, 2013, Brasil, 2020).

Esta investigação se justifica mediante evidências científicas de que as ISTs sempre foram tratadas de forma generalizada e abrangente, com exceção do HIV que, ao longo dos anos, obteve maior destaque nas políticas públicas de prevenção em nível nacional e internacional (WHO, 2013, 2015, 2016; Brasil, 2018, 2019, 2020). A falta de visibilidade das ISTs, das formas de transmissão, incidência, sintomas, consequências para a saúde, prognóstico e tratamento suscitam uma luta individualizada com o desconhecido, demandando incertezas e dúvidas entre os jovens que não conseguem identificar o perigo que os circunda. Cabe considerar, ainda, as dificuldades do grupo na construção do conhecimento associado à temática e também a capacidade de essa informação influenciar os comportamentos sexuais na perspectiva das vulnerabilidades e estímulo para adoção de medidas preventivas (Sales *et al.*, 2016; Fonte *et al.*, 2018; McMann & Trout, 2020; Tesfaye & Agenagnew, 2020).

Dessa forma, em atenção ao que se concebe por comportamento de risco em saúde, com destaque para a vulnerabilidade característica dos jovens, é de suma importância conhecer o que eles sabem sobre as ISTs e as medidas de prevenção, principalmente por conferir possibilidades de influenciar a adoção de práticas seguras, balizadas pela relativização do seu saber, inclusive compartilhado. Nessa perspectiva, a reflexão pode auxiliar a compreensão das políticas públicas de saúde e permitir o acesso mais objetivo, satisfatório e eficaz ao público, em função do que já se conhece e do que é necessário modificar para alcançá-lo.

Para tanto, nesta investigação, o conhecimento está sendo contemplado como um saber útil, que possibilita um agir adequado, na medida em que corresponde à realidade (Henssen, 2012). Assim, objetivou-se refletir sobre o conhecimento de jovens universitários a respeito da prevenção de ISTs, à luz da teoria do conhecimento de Henssen.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo descritivo, de cunho teórico reflexivo, sobre o conhecimento de jovens universitários, em relação à prevenção de ISTs, à luz da Teoria Geral do Conhecimento, na ótica de Johannes Henssen. Segundo o delineamento de pesquisa qualitativa, um estudo é construído numa perspectiva em que um fenômeno possa ser melhor compreendido no contexto em que ele ocorre e do qual faz parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada (Pereira, Shitsuka, Pereira, & Shitsuka, 2018).

O caráter epistemológico da teoria abarca uma explicação teórica ou interpretação filosófica do conhecimento humano, importando-se com as relações estabelecidas entre sujeito e objeto. Assim se estabelece a comparação entre sujeito e objeto, revelando-se distintas visões sobre o conhecimento em diferentes perspectivas (Henssen, 2012).

Para subsidiar a reflexão, foi realizada uma busca de artigos por acesso *on-line*, nos meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021, nas bases de dados: Biblioteca Virtual da Saúde (BVS); *Medical Analyses and Retrieval System Online* (Medline); *Scientific Eletronic Library* (SciELO) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). Foi utilizada a combinação dos seguintes descritores: “Adulto Jovem”, “Conhecimento”, “Prevenção de Doenças”, “Doenças Sexualmente Transmissíveis” e “Filosofia” e seus respectivos correspondentes em inglês e espanhol, de acordo com o *Medical Subject Headings* (MeSH) e os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo utilizado o operador *booleano AND* no cruzamento dos descritores. Foram incluídos artigos indexados nos últimos cinco anos, visando à captação das evidências científicas de um recorte de tempo recente sobre o objeto investigado.

Esta pesquisa foi realizada como parte das atividades da disciplina obrigatória “Filosofia da Ciência e Método Científico em Saúde e Enfermagem” do Programa de Doutorado em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sendo um dos produtos necessários ao desenvolvimento da referida disciplina. A finalidade dessa produção, realizada entre os meses de novembro de 2020 e janeiro de 2021, foi refletir sobre a

temática e um referencial teórico e sua possível articulação com o objeto de pesquisa em construção da tese de doutoramento do autor principal.

3. Resultados e Discussão

Foram selecionadas 22 obras, entre artigos, livros e documentos oficiais da saúde no contexto (inter)nacional, capazes de contribuir para a reflexão sobre o objeto de investigação. A síntese do conhecimento dessa amostra foi organizada com a análise reflexiva segundo *Henssen*, apresentada em dois blocos temáticos, a saber: 1) O Conhecimento como fator para mudança de comportamento e 2) Conhecimentos de jovens universitários sobre a prevenção de ISTs.

3.1 O Conhecimento como fator para mudança de comportamento

A informação é um saber transmitido intencionalmente por meio de alguma estratégia comunicacional, como processos de ensino-aprendizagem praticados no contexto universitário, que possuem o propósito de orientar, com caráter influenciador, sobre comportamentos humanos e que não possuem, necessariamente, um compromisso engessado sobre uma verdade consensualizada (*Henssen*, 2003).

Nesse sentido, verificam-se as potencialidades de espaços onde os conhecimentos circulam livremente e são construídos e compartilhados por indivíduos de diferentes culturas, realidades socioeconômicas, valores e pertencas sociais, principalmente por se reconhecerem as influências mútuas exercidas pela integração social e que refletem nos comportamentos adotados, de maneira singular ou coletivamente.

Destarte, o conhecimento envolve um conjunto de ideias, informações e princípios (paradigmas) capazes de explicar e compreender a realidade (*Henssen*, 2012). Assim, cabe acrescentar que o contexto universitário é permeado pela imagética social vinculada ao processo de ensino-aprendizagem numa relação contínua de compartilhamento e troca de informações e conhecimentos entre a díade docentes-discentes numa perspectiva de construção contínua do conhecimento científico (*Cardoso, Sapalo, & Santos, 2019; Ribeiro et al., 2020*).

É notória a relevância do vínculo estabelecido entre discentes e docentes em sua convivência. Os docentes podem mudar a vida daqueles que passam por suas habilidades de ensino com sua bagagem de saber e competências, didática diferenciada, capacidade reflexiva, flexibilidade para lidar com diferentes públicos, além da atitude e iniciativa para aproveitar as oportunidades de multiplicar conhecimentos. E, de igual modo, têm suas vidas também transformadas na troca de saberes com os estudantes. Já o protagonismo discente, sob um sistema de *feedback*, proativo e consciente dos seus direitos e deveres no âmago do processo ensino-aprendizagem, permite o fortalecimento dessa relação, traduzida em resultados positivos e impactos sociais em curto, médio e longo prazos.

A teoria do conhecimento, também conhecida como doutrina do material da ciência, um ramo da filosofia ou uma parte da teoria da ciência, possui como arcabouço o entendimento dos processos mentais e a objetivação concreta dos fenômenos sociais, enquanto objeto do conhecimento que não pode ser separado da relação sujeito-objeto. Desse modo, o conhecimento depende de maneira exclusiva de como os processos sociais demandam por um tipo de sujeito, das relações existentes entre as estruturas sociais nos diversos campos de produção do homem como a ciência, economia e cultura, de modo que o conhecimento sofre influência (in)direta deles (*Henssen*, 2012). Salienta-se, então, que os jovens universitários são influenciados pelo contexto em que estão inseridos de modo multidimensional e transcultural (*Teixeira, Figueiredo & Mendoza-Sassi, 2015*).

De fato, quando se fala em conhecimento, sociedade e cultura, são requeridas múltiplas óticas para compreensão dos diferentes contextos em que o ser humano vive. Assim, de maneira particular, pessoal e interna, ou integrado em comunidade,

influenciando e sendo influenciado por realidades compatíveis e incompatíveis com as suas, mas, mediante a constituição do ser social, o indivíduo reconhece a necessidade de aprender e viver em coletivo.

Cabe aqui maior destaque aos jovens universitários, por entender que, naturalmente, seu processo de construção social é orientado, atravessado e concretizado pelo meio em que estão inseridos. Desse modo, o ambiente acadêmico e toda a estrutura que lhe é peculiar, somada à inserção social própria, funcionam como catalisadores do complexo movimento sociocognitivo de aprendizagem e interação.

Para que o fenômeno do conhecimento ocorra, faz-se necessária a existência de três elementos, a saber: 1) Sujeito-esfera psicológica; 2) Imagem-esfera lógica e 3) Objeto-esfera ontológica, que envolve o “ser”. Da relação que se estabelece, resulta a descrição do próprio conhecimento. Sendo assim, o sujeito não pode apreender as propriedades do objeto, sem se “transcender”. O objeto permanece nesse processo como algo exterior ao sujeito, ou seja, conserva sua condição de *objetum*, pois o que está sendo assimilado pelo sujeito não é o objeto, mas as suas propriedades (Henssen, 2003). Considera-se, portanto, que a visão de mundo do ser humano impacta diretamente a sua significação ontológica.

O conhecimento assim descrito passa por três fases distintas: na primeira, o sujeito sai de si; na segunda, está fora de si, em contato com o objeto, impregnando-se de suas propriedades; e, na terceira, reentra em si mesmo, enriquecido das propriedades do objeto. Desse modo, retrata um ciclo ou processo de aprendizado, construído de forma processual (Henssen, 2012). Verificam-se, então, particularidades inerentes ao aproveitamento e à absorção do conhecimento no referido processo de aprendizagem, por exemplo, o reconhecimento da lógica e do pertencimento que justificam a decisão de apreender algo e poder modificar-se a partir disso.

A construção ou a possibilidade do conhecimento, assevera Henssen (2003), ocorrem a partir de alguns mecanismos distintos formulados ao longo da história: 1) Dogmatismo - posição epistemológica para a qual o problema do conhecimento não chega a ser levantado. A possibilidade e a realidade do contato entre sujeito e objeto são pressupostas; 2) Ceticismo - é o contrário do dogmatismo. Aqui o sujeito não toca o objeto, pois, nessa forma de pensar, o objeto não é visto. Desse modo, acredita-se que não há nenhuma verdade a ser investigada; 3) Subjetivismo - restringe-se a validade da verdade ao sujeito, que conhece e que julga, sendo que todo juízo possui validade apenas na perspectiva dos humanos; 4) Relativismo - apesar de sua afinidade com o subjetivismo, nele não existe qualquer validade geral, nenhuma verdade absoluta. Toda verdade é relativa e possui validade restrita; 5) Pragmatismo - assim como o ceticismo, ele recusa o conceito de verdade no sentido de concordância entre o pensamento e o ser, mas não se detém a essa negação, substituindo, assim, um conceito que foi abonado por uma nova concepção de verdade; 6) Criticismo - é uma posição entre o dogmatismo e o ceticismo, que põe à prova toda afirmação da razão humana e nada é aceito inconscientemente. Constantemente, pergunta-se sobre fundamentos e reclama-se da razão humana, num prestar de contas.

Como se vê, presume-se que, para a construção do conhecimento, é imprescindível que o ser humano adote uma postura crítico-reflexiva, capaz de norteá-lo no processo de racionalização da realidade em que vive. Isso porque a formação de opinião, a sua construção ideológica e, por conseguinte, o seu comportamento dependem de uma leitura fidedigna do estado de tangibilidade existencial dos fenômenos, objetos e acontecimentos, podendo, também, ser expressa de várias formas e em contextos diversos.

A compreensão do conhecimento teve seu início descrito a partir do racionalismo, que tomou como fonte explicativa o pensamento humano e a razão. A compreensão racional possui como um de seus critérios a universalidade, que depende do pensamento enquanto formulação genuína. Por outro lado, o empirismo, muito próximo das ciências naturais, nega a compreensão racionalista e afirma que o conhecimento humano só é possível através da experiência dos fatos concretos em contradição ao pensamento ou ideias (Henssen, 2003). De uma forma ou de outra, depreende-se que o pensamento humano

pode privilegiar o domínio dos fatos, estimulando a busca pelo conhecimento concreto, seja por via experiencial direta em alusão ao empirismo ou, por exercício de construção sociocognitiva que dele emerge.

Henssen (2012) descreve ainda a existência de uma formulação científica social, uma orientação epistemológica denominada intelectualismo, com o objetivo de mediar as compreensões racionalistas e empiristas. Nesse sentido, entende-se como sendo importantes tanto o racionalismo como o empirismo, pois ambos fazem parte da formação do conhecimento e são fundamentais às representações intuitivas, como também à experiência. Cabe menção, ainda, ao aprioprismo, no qual a relação entre sujeito e objeto é dada como certa, mas a consciência humana possui conceitos prévios, sem base na experiência, sendo estes alguns dos princípios gerais que constituem a base do conhecimento científico.

Na perspectiva do sujeito, então, o conhecimento faz com que este, saia de sua esfera, invada a esfera do objeto e apreenda o que lhe é necessário ao conhecimento e o transforme. Em contrapartida, na visão do objeto, o conhecimento é como uma transferência de suas propriedades para o sujeito (*Henssen*, 2012). Nesta investigação, portanto, o sujeito está sendo concebido como os jovens universitários e o objeto, a prevenção de ISTs, segundo seus conhecimentos e comportamentos.

Em sua exploração preliminar, *Henssen* (1980) apresenta cinco problemas básicos resultantes da comunicação entre sujeito e objeto: 1) Possibilidade – ocorre no momento em que o sujeito se impregna das propriedades do objeto e, se essa concepção for justa, esse contato se daria efetivamente e o sujeito apreenderia de fato o objeto; 2) Origem – considera que o homem é um ser sensível e espiritual. Indaga-se: de onde a consciência cognoscente extrai os conteúdos? Da razão, da experiência ou de ambas? 3) Essência – consiste na antiga querela entre os que sustentam que o sujeito é determinado pelo objeto e aqueles que defendem a tese inversa; 4) Espécie – além do conhecimento racional, poderia ser admitido outro de natureza intuitiva? 5) Critério e verificação da validade de um conhecimento – indaga-se finalmente a possibilidade concreta de se provar se determinado conhecimento é verdadeiro.

Dessa maneira, observa-se a natureza do complexo processo que a interação sujeito e objeto precisa para consolidar-se, em que são reconhecidas as características relativas à racionalidade humana (objetiva) e à sensibilidade intuitiva (experiencial e transcendental) de apreensão da realidade dentro e fora de suas próprias perspectivas de mundo. Salienta-se, assim, que, no tocante aos conhecimentos dos jovens universitários sobre a prevenção de ISTs, há que se pensar que a abordagem puramente racional e, até mesmo, de caráter positivista, pode não ser eficaz para comungar com suas experiências de vida, seus sistemas de crença, sua cultura, seus valores e uma gama de outras impressões e expressões que fogem à redoma da razão.

Em resposta à problemática da essência do conhecimento, uma classificação em três diferentes soluções parece aceitável. Nas soluções pré-metafísicas, que nada supõem com relação à ontologia do sujeito ou do objeto, diferem o objetivismo, no qual o objeto define o sujeito, e o subjetivismo, para o qual o sujeito é o determinante do conhecimento. Nas soluções metafísicas, assim denominadas por se tratar de uma reflexão anterior, o objetivismo e o subjetivismo se opõem ao realismo e suas diferentes concepções. O Realismo possui em comum a ideia de que existem coisas reais, independentes da concepção humana e o idealismo nas suas duas diferentes formas - psicológico e lógico. Pressupõe-se, em síntese, que tais coisas, independentes da consciência, não existem, apenas existem os objetos de consciência representativos e os objetos ideais que provêm da lógica e da matemática (*Hessen*, 1980).

Diante de tal proposição, percebe-se o movimento de significação recíproca entre sujeito e objeto, mesmo que o ser humano não tenha consciência e domínio disso por meio da razão, e, considerando os jovens universitários, presume-se que estes entendam e representem as ISTs, bem como suas medidas de prevenção, ainda que não sejam impelidos a pensar objetivamente sobre isso.

Diante da síntese de todo o processo de construção e aquisição do conhecimento apresentado na perspectiva teórica de *Henssen*, ressalta-se a necessidade de conhecer quais são os conhecimentos dos jovens universitários, relacionados às práticas para a prevenção de ISTs, e de refletir sobre a possível influência em suas práticas sexuais e na adoção de CRSs ou de condutas de prevenção na gestão dos riscos de contaminação por ISTs.

3.2 Conhecimentos de jovens universitários sobre a prevenção de ISTs

O conhecimento é um importante instrumento na prevenção de ISTs. É necessário ressaltar, contudo, que não basta ter o conhecimento sobre a importância do uso de preservativos (camisinha ou *códon*, masculina ou feminina) para a prevenção dessas infecções. Faz-se necessário também que a pessoa possua conhecimentos sobre as ISTs, o que inclui tipos, formas de transmissão, sinais e sintomas, tipos de tratamento. Assim pode ter consciência dos riscos a que se expõe, consequências para a saúde e que seu CRS pode afetar terceiros (Castro, Caldas, Morcillo, Pereira & Velho, 2016).

Percebe-se, assim, a responsabilidade que os profissionais da saúde e da educação têm por serem as referências de conhecimento capazes de prover as informações necessárias à correção dos CRSs, suprir lacunas de saber geradas pelas desigualdades sociais, principalmente em países em desenvolvimento, e agregar mais conhecimento por meio de pesquisas e devolutivas à sociedade.

Sabe-se que, durante a formação universitária, os estudantes têm mais acesso às informações sobre a sexualidade humana e costumam vivenciar as experiências sexuais assumindo comportamentos que facilitam a aquisição de ISTs devido à maior exposição individual aos CRSs, como uso incorreto, descontínuo ou não uso de preservativos, entre outros (Teixeira, Figueiredo, Gonçalves & Mendoza-Sassi, 2019).

É possível reconhecer as vulnerabilidades desse grupo, por questões naturais ou estruturais (sociais, culturais e econômicas). No entanto, é preciso que o universo acadêmico busque para si a responsabilidade de refletir sobre quais medidas são necessárias para minimizar e prevenir tal realidade. Além disso, é recomendado investir esforços para a criação de um plano de atenção e cuidados que supra essa necessidade, tendo em vista que o conhecimento é a base, o meio e o fim para a devida transformação da realidade.

Ainda que os jovens tenham o conhecimento da importância (e necessidade) de usar preservativo nas relações sexuais para se prevenir das ISTs, este, por si só, não é garantia de que façam uso regular desse método. Pesquisa desenvolvida com universitários da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sobre o conhecimento das formas de prevenção de ISTs demonstrou que 99% dos estudantes com vida sexual ativa referiram já ter usado o preservativo. O uso constante do preservativo foi apontado por 30,5% dos universitários, contudo menos de 20% faziam uso adequado do método de prevenção (Castro *et al.*, 2016). Acrescenta-se, ainda, que, entre os preservativos disponíveis, o masculino é o mais conhecido e utilizado pelos jovens, principalmente entre os solteiros (Spindola *et al.*, 2019).

Esses são dados de grande relevância, pois revelam que nem sempre ter o conhecimento é suficiente para que não se cometam CRSs, pois outros fatores influenciam diretamente na decisão de aderir ao uso do preservativo e estes devem ser investigados. Contudo, ressalta-se que, apesar de a detenção do conhecimento sobre as ISTs e suas formas de prevenção não apresentar eficácia isoladamente, ainda assim é preciso retomar a busca de conhecimento sobre quais os motivos, as práticas ou crenças que dificultam a adesão desse grupo a operacionalizar o conhecimento que tem acerca dos perigos de sua negligência.

Investigação com 255 estudantes universitários que teve o objetivo de avaliar as práticas, o conhecimento e o comportamento dos estudantes universitários de uma universidade pública carioca em relação às ISTs verificou que 61,57% deles consideram não possuir todo o conhecimento sobre as ISTs; 31,7% acreditam que a infecção por gonorreia pode ocorrer ao utilizar banheiros públicos e que existe cura para hepatite (40%). Os achados evidenciam que os estudantes assumem CRSs e demonstram fragilidades no conhecimento sobre prevenção e transmissão das ISTs. Apresentam práticas que acarretam risco

para a sua saúde sexual e reprodutiva, não adotam o preservativo de modo contínuo em todos os intercursos sexuais e desconhecem as formas de exposição às ISTs, o que os torna vulneráveis (Spindola *et al.*, 2019).

Sendo assim, os estudos demonstram que a falta de conhecimento é sinônimo de vulnerabilidade para o grupo. Portanto, compreende-se que o ambiente universitário tem todas as oportunidades de modificar a realidade encontrada, o que pode ser construído em conjunto com os próprios jovens, que passam a ser os protagonistas de busca, apreensão e demonstração do conhecimento a ser compartilhado por meio de melhoria de comportamentos e adesão às práticas sexuais seguras.

O conhecimento individual preexistente é considerado modificável e construído ao longo da vida e processo de aprendizagem, sendo capaz de influenciar a prática de prevenção, proteção ou aquisição de ISTs. Neste sentido, um estudo realizado com 429 estudantes de uma universidade pública brasileira evidenciou que os estudantes mais velhos e do sexo feminino apresentaram um conhecimento significativamente maior que o de seus colegas. Além disso, observou-se uma diferença considerável do conhecimento dos estudantes entre os vários cursos e que os discentes de Biologia e Geografia demonstraram maior conhecimento acerca das ISTs. Os autores destacaram que um número expressivo de universitários necessita de mais informações a respeito das ISTs (Teixeira *et al.*, 2019).

Contudo, faz-se mister atentar para a estratégia de multiplicação do conhecimento que, por sua vez, é capaz de influenciar práticas e comportamentos em espaços diversos, não se restringindo ao ambiente acadêmico. Além disso, a concentração de conhecimentos em determinadas áreas e/ou grupos, pode acarretar mais desigualdades, o que deve ser prevenido com ações que ultrapassem barreiras estruturais e entraves sociais.

Avaliando o conhecimento de jovens universitários em relação às ISTs, observou-se que o HIV/aids se destacavam no nível de informação do grupo, em comparação às outras ISTs. Os achados demonstraram que os estudantes careciam de conhecimento sobre as ISTs, não adotavam condutas sexuais seguras e possuíam baixa percepção de risco em suas práticas sexuais (Spindola *et al.*, 2019). A disseminação de conhecimento acerca das ISTs por profissionais da área da saúde, no contexto universitário, é oportuna, considerando que estudos têm sinalizado a presença de dúvidas sobre a temática nesse meio, inclusive entre graduandos (Castro *et al.*, 2016; Spindola *et al.*, 2019, 2020; Dantas, Spindola, Teixeira, Lemos & Ferreira, 2015).

Refletindo sobre o déficit de conhecimento dos jovens em relação às ISTs e os modos de transmissão, questiona-se sobre quais fatores interferem na prevenção desses agravos. A resposta a esse questionamento, entre outros aspectos, converge para a realização de atividades de educação em saúde nas instituições de ensino, em especial nas universidades, que poderiam contribuir com informações para os jovens universitários e levá-los a refletir sobre suas condutas sexuais, dirimindo dúvidas e reduzindo os agravos à saúde sexual, como a exposição às ISTs, sendo a universidade vista como uma instituição promotora de saúde (Castro *et al.*, 2016; Spindola *et al.*, 2019). Cabe destaque, assim, para a realidade de que a saúde se concebe em qualquer lugar, desde que haja condições suficientes para a sua concretude.

Ao analisar o conhecimento dos jovens em relação às ISTs, observou-se que o HIV/aids se destacam no nível de informação do grupo em comparação às outras ISTs (Spindola *et al.*, 2019). Nesse sentido, o processo de transformação do conhecimento sobre o HIV/aids na adoção de práticas protetoras está associado à compreensão e à capacidade de absorver as informações, assimilando-as e sendo influenciadas por questões sociais, de gênero e raça, que devem ser consideradas e avaliadas de forma correlacionada (WHO, 2016). Por outro lado, salienta-se que o HIV/aids são acompanhados por uma série de estigmas sociais que podem acarretar pensamentos particulares em comparação a outras ISTs, que não apresentam as mesmas características.

Destarte, na prática da cognição humana, o conhecimento manifesta-se na mente, como um saber agir, de modo adequado às diferentes circunstâncias, e nas atitudes pessoais, como uma ação considerada adequada (Henssen, 2012). A

utilidade dos conhecimentos adquiridos, portanto, parte da compreensão do mundo de modo a possibilitar que a pessoa seja capaz de aperfeiçoar suas experiências e desfrutar seu percurso existencial de forma saudável e segura.

Logo, depreende-se disso que a utilidade dos conhecimentos é prática, ou seja, serve para intervir de maneira positiva nas relações cotidianas, no enfrentamento das questões existenciais, num viver mais harmonioso, prazeroso e sábio. No que tange aos jovens universitários e a sua vulnerabilidade, o conhecimento pode permitir-lhes rejeitar esse estado de vulnerabilidade, prevenindo-se para que não seja *ad aeternum*, ao promover mudanças significativas de condutas e comportamentos de risco nas mais variadas situações vividas.

4. Considerações Finais

Face às reflexões aqui apresentadas, compreende-se que o processo de obtenção do conhecimento visa instrumentalizar as pessoas, como, por exemplo, jovens universitários, com recursos cognitivos que os habilitem ao uso metódico e competente da razão e discernimento sobre as ISTs, CRSs e medidas preventivas mediante a adoção de práticas sexuais seguras.

Acredita-se que, na perspectiva filosófica de *Henssen*, quem for capaz de dominar conscientemente os seus recursos mentais de percepção será capaz de pensar de forma organizada e metódica e conseguirá entender o mundo numa visão apropriada, reconhecendo-se como “sábio” ou portador do conhecimento sobre determinado assunto, como as práticas preventivas de ISTs, abordadas neste artigo.

Espera-se, a partir dessas reflexões, que seja possível uma conexão entre a apreensão e a aplicação do conhecimento, para que as informações acerca das ISTs possam influenciar as práticas sexuais de jovens universitários, visando à assunção de um comportamento sexual saudável e à prevenção da exposição às ISTs. Destarte, considera-se que essas reflexões contribuem para a compreensão de como se encontram os conhecimentos acerca das ISTs, bem como suas abordagens preventivas e a constatação sistemática e contínua de que, na prática, o comportamento e a discursividade conferidos aos jovens universitários demonstram um aproveitamento desproporcional, ou seja, a detenção do conhecimento não é garantia de comportamentos saudáveis.

Portanto, reside nessa perspectiva, a necessidade de empenhar novas investigações capazes de uma captação mais profunda acerca do tema e que permitam, principalmente, agregar informações suficientes à transformação das políticas públicas de atenção a esse público, com vistas à sua absorção e adoção de comportamentos e práticas seguras. Estas são, portanto, as sugestões dos autores, para que, a partir de novas investigações de abordagem teórico-reflexiva, bem como pesquisas de campo nos diferentes delineamentos metodológicos, possam contribuir para o preenchimento desta lacuna.

Quanto às limitações do estudo, é de se reconhecer que não foi possível concentrar o enfoque dessa reflexão, levando em consideração fatores culturais específicos relativos à vulnerabilidade dos jovens, presentes nas mais diversas sociedades, até porque não era esse o objetivo principal a ser atingido. Além disso, acredita-se que esses fatores podem apresentar-se de maneiras diferenciadas e, com isso, ocasionar interpretações e resultados diversos. Contudo, identifica-se aqui, novamente, a necessidade de continuar as pesquisas sobre o tema, sobre múltiplas óticas, ampliando-se os conhecimentos, inclusive à luz da antropologia.

Referências

Brasil. (2020). Ministério da Saúde (MS). *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis- PCDT-IST 2020 - Versão Revisada*. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília (Distrito Federal): MS.

Brasil. (2019). Ministério da Saúde (MS). *Boletim Epidemiológico de HIV e Aids*. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis – DCCI SRTVN. Brasília (Distrito Federal): MS.

- Brasil. (2018). Ministério da Saúde (MS). *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)*. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de Vigilância. Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Brasília: MS.
- Cardoso, E. M. S., Sapalo, A. T., & Santos, J. R. C. (2019). A extensão na Universidade Katyavala Bwila como espaço de ampliação do processo de ensino-aprendizagem: experiências no período 2015-2018. *Revista Angolana de Extensão Universitária*, 1(1): 02-12.
- Castro, E. L. D., Caldas, T. A. D., Morcillo, A. M., Pereira, E. M. D. A., & Velho, P. E. N. F. (2016). Awareness and education regarding sexually transmitted diseases among undergraduate students. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(1): 1975-84.
- Dantas, K. T. B., Spindola, T., Teixeira, S. V. B., Lemos, A. C. M., & Ferreira, L. E. M. (2015). Young academics and the knowledge about sexually transmitted diseases - contribution to care in nursing. *J Rev Fundam Care*, 7(3): 3020-36.
- Fonte, V. R. F., Spindola, T., Francisco, M. T. R., Sodré, C. P., André, N. L. N. O., & Pinheiro, C. D. P. (2018). Young university students and the knowledge about sexually transmitted infections. *Esc. Anna Nery*, 22(2): e20170318.
- Henssen, J. (2012). *Teoria do Conhecimento*. (4a ed.), WMF Martins Fontes.
- Henssen, J. (2003). *Teoria do Conhecimento*. (2a ed.), Martins Fontes.
- Henssen, J. (1980). *Teoria do Conhecimento*. Trad. António Correia. (7a ed.), Arménio Amado.
- McMann, N., & Trout, K. E. (2020). Assessing the knowledge, attitudes, and practices regarding sexually transmitted infections among college students in a Rural Midwest Setting. *J Community Health*. 1(1): 1-10.
- Newman, L., Rowley, J., Hoorn, S. V., Wijesooriya, N. S., Unemo, M., Low, N., et al. (2015). Global Estimates of the Prevalence and Incidence of Four Curable Sexually Transmitted Infections in 2012 Based on Systematic Review and Global Reporting. *PLoS ONE*, 10(12): e0143304.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Pereira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). Metodologia da pesquisa científica. UFSM. https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1
- Ribeiro, W. A., Fassarella, B. P. A., Neves, K. C., Evangelista, D. S., Torres, R. M., & Sousa, C. A. S. (2020). Implementação das metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem no curso de graduação em enfermagem. *Research, Society and Development*, 9(7): e708974709.
- Sales, W. B., Caveião, C., Visentin, A., Mocelin, D., Costa, P. M., & Simm, E. B. (2016). Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. *Rev. Enf. Ref.*, 4(10): 19-27.
- Spindola, T., Oliveira, C. S. R., Costa, D. M., André, N. L. N. O., Motta, C. V. V., & Melo, L. D. (2020). Uso e Negociação de preservativos por acadêmicos de Enfermagem. *Revista Científica de Enfermagem - Recien*, 10(32): 81-91.
- Spindola, T., Oliveira, C. S. R., Santana, R. S. C., Sodré, C. P., André, N. L. N. D. O., & Brochado, E. D. J. (2019). Sexual Practices, Knowledge and Behavior of College Students Regarding Sexually Transmitted Diseases. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 11(5): 1135-41.
- Teixeira, L. O., Figueiredo, V. L. M. D., Gonçalves, C. V., & Mendoza-Sassi, R. A. (2019). Psychometric Evaluation of the Brazilian Version of the "Sexually Transmitted Disease Knowledge Questionnaire". *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(1): 3469-82.
- Teixeira, L. O., Figueiredo, V. L. M., & Mendoza-Sassi, R. A. (2015). Adaptação transcultural do Questionário sobre Conhecimento de Doenças Sexualmente Transmissíveis para o português brasileiro. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 64(3): 247-56.
- Tesfaye, Y., & Agenagnew, L. (2020). Knowledge, attitude, and practices of Jimma teacher training college students toward risky sexual behaviors, Jimma, Ethiopia. *Sex Med.*, 8(3): 554-64.
- World Health Organization (WHO). (2016). *Plano de Ação para a prevenção e o controle do HIV e de infecções sexualmente transmissíveis 2016-2021*. Organização Pan-Americana de Saúde (OPA). Washington (DC).
- World Health Organization (WHO). (2015). *Global Health Sector Strategy on Sexually Transmitted Infections, 2016-2021*. W Geneva: WHO.
- World Health Organization (WHO). (2013). *Sexually transmitted infections (STIs): the importance of a renewed commitment to STI prevention and control in achieving global sexual and reproductive health*. Geneva: WHO.